O Dom Nacional: diálogo em torno da identidade nacional

The Dom National: dialogue about national identity

Le Dom National : dialogue autour de l'identité nationale

Cláudio Benito Oliveira Ferraz*

FCT/**UNESP Presidente Prudente**
cbenito2@yahoo.com.br

Robinson Santos Pinheiro**

Universidade Federal da Grande Dourados - **UFGD**
robinson22pinheiro@yahoo.com.br

*Prof. Dr. Depto Educação da FCT/UNESP e do PPG-Geografia-UFGD. Coordenador do Grupo de Pesquisa Linguagens Geográficas.

**mestrado em Geografia - da Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD; Bolsista CAPES. Membro do Grupo de Pesquisa Linguagens Geográficas.

Resumo: O presente artigo tem por finalidade compreender a formação da identidade nacional, via os seus símbolos materiais e imateriais, por intermédio das formas com que Machado de Assis expressou no romance *Dom Casmurro*. Intentamos trabalhar a questão das linguagens, averiguando em que medida os conceitos trabalhados dentro da ciência geográfica podem ser enriquecidos a partir do diálogo com a linguagem literária, entendendo a literatura enquanto um meio discursivo em que o autor utiliza-se para se expressar frente às alegrias, mazelas, não só pessoais, percebidas na vida, mas durante o ato de viver. A presente discussão intenta evidenciar as possibilidades de entendimento do real a partir da inter-relação entre a linguagem científica e a linguagem artística, as formas espaciais a partir das tramas narradas em *Don Casmurro*.
Palavras-chave: Geografia, literatura, identidade, Estado-Nação, linguagens.

Abstract: This article aims at understanding the formation of national identity through their material and immaterial symbols, from the ways in which Machado de Assis expressed in the novel *Dom Casmurro*. We work on the issue of languages, examined the extent to which concepts worked within the geographical science can be enriched from the dialogue with the literary language, to understand literature as a discursive means that the author uses as an expression against the joys, problems (not only personal) perceived in life through the act of living. This discussion brings the possibilities for understanding the reality in the way of the connection between the scientific and arts language, the geographical terms from the plots narrated by *Don Casmurro*.
Keywords: geography, literature, identity, nation-state, languages.

Résumé: Le présent article a pour finalité de comprendre la formation de l'identité nationale, à travers de ses symboles matériels et immatériels, moyennant les formes que Machado de Assis a traduit dans le roman *Dom Casmurro*. Nous nous sommes efforcés à travailler la question des langages, en vérifiant dans quelle mesure les concepts étudiés à l'intérieur de la géographie peuvent être enrichis à partir du dialogue avec le langage littéraire, déchiffrant la littérature en tant que moyen discursif dont l'auteur se sert pour s'exprimer face aux joies, aux blessures, pas seulement personnelles, perçues dans la vie pendant l'acte de vivre. Le présent article essaye prouver les possibilités d'accord du réal à travers de la relation avec le langage scientifique et le langage artistique, les formes spatiales à partir des trames dites dans *Don Casmurro*.
Mots-clés : Géographie, littérature, identité, État-Nation, langages.

Introdução

Machado de Assis, a partir das suas experiências espaciais cotidianas, expressas em seus personagens e nas histórias por ele narradas, estabeleceu referenciais que muitas vezes passaram desapercebidos pelos estudos geográficos no que tange os aspectos de leitura mais ampla e crítica da complexidade que é a identidade territorial, mais especificamente na direção da consolidação ideológica e política, além de econômica e cultural, do espaço do Brasil enquanto Estado-Nação.

Desta maneira, aqui cabe "mergulharmos" na obra machadiana para abstrairmos elementos que acabavam por criticar a construção deste ideário no Brasil República através, por exemplo, dos signos que constituem a noção de Estado-Nação do período vivenciado pelo autor. Como o ideário de que a sociedade positivista deveria ser regida pelo Estado, este pressuposto entendia que eram os detentores do poder político-administrativo que deveriam controlar a sociedade civil e organizar o trabalho livre para que o Estado conseguisse chegar ao esperado progresso, mas, para tal, deveria negar várias concepções (simbólicas ou valorativas) que iam de encontro a esta postura uniformizante e ilusória de harmonia e progresso do País.

Mas para iniciarmos o diálogo propriamente com o romance *Dom Casmurro*, faz-se necessário melhor pontuar o sentido, ou sentidos, que Machado de Assis elaborou para abordar a questão do nacional, problematizando esta "postura uniformizante" e oficial, ao mesmo tempo que, por estar inserido no contexto da época e do modelo de Estado então articulado, acabava expressando críticas a tal desdobramento enquanto parâmetro constituidor de uma identidade civilizada e moderna de nação brasileira.

Sentidos da nacionalidade em Machado de Assis

Enquanto escritor, ele vai abordar esta questão a partir de uma ideia de literatura brasileira, ou seja, uma literatura produzida no interior do território brasileiro, feita por autores aqui nascidos e, mais importante, com uma personalidade própria brasileira, portanto, com uma identidade nossa que a diferenciava das outras literaturas produzidas alhures, além fronteira.

O que vem a ser uma literatura brasileira? A forma como abordou esta questão é que fundamenta nosso olhar no sentido de interpretar sua abordagem da questão da identidade territorial brasileira expressa em *Dom Casmurro*.

De forma geral, a questão da elaboração de uma literatura brasileira era tomada no período a partir da necessidade de demarcar a diferença em relação à metrópole portuguesa. Foi exatamente na tentativa de se demarcar algo com a "cor brasileira" que irá se expressar com o nome de "literatura Brasileira" e não portuguesa. Isso virá à tona pela primeira vez em 1826 quando Ferdinand Denis publica outra ironia em relação a algo desejado como "genuinamente brasileiro", em francês o livro *Resumé de l'histoire de la littérature brésilienne*.

A partir daí, abre-se a porta para o movimento romântico eivar esforços na direção de caracterizar um "espírito brasileiro" manifestado nas artes e nos valores culturais aos quais a minoria social letrada tinha acesso. Essa "cor local", por meio das obras da época, apontava para o mestiço como o elemento integrador da nação, ou seja, o que é genuinamente brasileiro, o que o caracteriza e o diferencia em relação aos demais povos, principalmente os europeus/portugueses, é essa hibridação que retirou o melhor da sagacidade portuguesa e mesclou com a bravura e força do nativo local, o índio.

As obras que surgem ao longo do século XIX irão aprofundar esse sentido de identidade, chegando a atingir seu maior refinamento em José de Alencar. Figueiredo (2005, p. 194), citando Alencar, assim resume esse "espírito brasileiro" que Alencar tentou identificar e elaborar em suas obras.

> A literatura nacional que outra coisa não é senão a alma da pátria, que transmigrou para este solo virgem com uma raça ilustre, aqui impregnou-se da seiva americana desta terra que lhe

> serviu de regaço; e cada dia se enriquece...O povo que chupa o caju, a manga, o cambucá e a jabuticaba, onde falar um a língua com igual pronúncia é o mesmo espírito que sorve o figo, a pêra, o damasco...

Essa "alma da pátria", portanto, estava pautada em símbolos e costumes (língua, espírito, comidas, frutas, heróis etc.) que a literatura no século XIX tentou expressar na direção de construção de uma coisa que podia ser identificada como genuinamente brasileira, ou seja, nossa cultura era fruto dessa interação entre a jabuticaba das florestas indígenas com o damasco europeu[1] que se integraram numa mesma língua comum a todos.

Dessa hibridação que caracterizava o sentido de ser brasileiro, portanto, o negro não tinha vez. Estava excluído. Nesse aspecto, Machado de Assis, mulato de origem humilde, não tinha como fazer parte.

Diante disso, Machado de Assis vai apontar para um outro sentido de literatura brasileira, para além do projeto identitário romântico. Abel Barros Batista (2003) assim coloca a questão;

> O problema está em que não se vê na obra romanesca de Machado, sobretudo na que constitui a chamada 'segunda fase', a presença do Brasil ou da realidade brasileira nos termos impostos pelo projeto nacional que o romantismo fundou, isto é, não há nos seus romances qualquer marca de vontade de fundamentar e esgotar a criação romanesca na realidade brasileira...Machado permaneceu indiferente a essa missão de que os escritores, segundo Alencar, estavam incumbidos (p. 33).

Machado, portanto, irá buscar em outros referenciais esse "caráter brasileiro", especialmente ao focar a diversidade sócio-cultural presente na capital Rio de Janeiro a partir de abordagens sutis, fazendo com que, apesar de não explicitar a defesa de uma abordagem crítica, os paradoxos de um projeto de unidade nacional sejam articulados pela elite letrada, que tinha dificuldade de ler o espaço brasileiro com seus negros, com seus analfabetos, com seus pobres e indigentes, com seus doentes e perdedores sociais.

É isso que sua obra refletirá. Um sentido de literatura nacional não a partir de referenciais rigorosamente delimitados, capazes de definir o que é do que não seja legitimamente brasileiro. Não acredita numa abordagem acabada, a priori definidora, do que se possa estabelecer com precisão o que é esse sentido de identidade genuinamente brasileira.

Em artigo publicado em 1873, num jornal de New York – outra ironia em relação ao sentido de nacionalidade intrinsecamente brasileira – denominado *Notícia da atual literatura brasileira – instinto de nacionalidade*, Machado de Assis (2006, vol.III) irá pontuar o que entende por esse "instinto de nacionalidade" a partir da produção literária.

> Não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobreçam. O que se deve exigir do escritor antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço"(p. 804).

Vemos aí, para Machado, que o que caracterizaria uma obra como brasileira não é tomar a cor e os elementos locais como um dado em absoluto, mas o fato de, a partir do local, falar do mundo independente deste ser restrito ao aqui e agora. Ou seja, como ele aponta mais para frente.

> Um poeta não é nacional só porque insere nos seus versos muitos nomes de flores ou aves do país, o que pode dar uma nacionalidade de vocabulário e nada mais. Aprecia-se a cor local, mas é preciso que a imaginação lhe dê os seus toques (p.807).

O que temos aí, a partir da crítica da literatura brasileira feita por Machado, é que nada

[1] Outra contribuição para a profunda hibridação de nossa formação identitária. Damasco (Prunus Armeniaca), como o nome científico indica, é originário da Armênia e Ásia, mas foi trazida pelos colonizadores para nossas terras e aqui também é chamado de abricó ou apricó.

existe de exato e em definitivo a definir o sentido absoluto dessa identidade nacional. Os limites político-administrativos estabelecidas pelas fronteiras, assim como a língua, as singularidades da flora e fauna etc. são elementos que influenciam no sentido de se construir um sentido de nacionalidade, mas esta nunca está pronta e acabada. Esse aspecto de identificação com o local é mais um instinto, é um "sentimento intimo" cuja imaginação é o fator determinante para expressar algo nosso no contexto do espaço que o transcende.

O local só o é na relação com o que está além dele. Ou seja, o sentido de nacionalidade é exatamente isso, um sentido e não um ponto final de chegada. Como nenhum escritor realmente comprometido com a literatura deve negar sua imaginação a partir de seu sentimento íntimo com o lugar, o que permite escrever para o mundo a partir do local em que se encontra, nenhum sentido em definitivo de nacionalismo existe encerrado em si, apenas na relação com o mundo.

Fazendo uso novamente de Batista (2003) para melhor entender essa questão em Machado, podemos identificar que para o escritor a questão de identidade nacional não era consequência de uma concepção formal de Brasil enquanto Estado-Nação, por que a questão não é, a partir desse referencial tão artificial e empobrecedor, expressar uma concepção exclusiva de brasilidade, pois, como a criação literária, o sentido de Brasil se encontra além do limites territoriais e históricos do que se denomina como Estado brasileiro.

> Mas é também recusa radical do projeto nacional, não apenas das formas vigentes de busca da nacionalidade: a argumentação de Machado não deixa espaço para qualquer outras busca da nacionalidade como razão de ser e princípio de construção da literatura brasileira, já que todas as formas de determinação e imposição do propriamente brasileiro serão empobrecedoras (p.99).

Em Machado, portanto, a possibilidade de se construir uma literatura brasileira não se dará a partir da expressão de elementos estereotipados e institucionalizados, mas daquilo que tentou se definir como legitimamente brasileiro a partir de uma diferenciação simplista em relação ao que vem de fora, além da fronteira. Ele entende que estar geocartograficamente localizado no interior do território brasileiro e usando a língua oficial não significa dar conta do sentido pleno do que vem a ser a nação ou o sentimento nacional.

Para o "bruxo de Cosme Velho", a possibilidade de se produzir uma literatura no contexto da cultura e do espaço brasileiro é um caminhar constante na busca de sentido, de orientação e localização, do ser que questiona em relação ao mundo a partir do lugar e situação em que se encontra. Essa questão, por excelência geográfica, é que se infere a partir das ideias de Machado de Assis e que vamos encontrar de forma emblemática em seu romance *Dom Casmurro*.

A partir da classificação elaborada por Gledson (1986) quanto aos três pares das obras de Machado elaboradas após 1880, identificamos que *Dom Casmurro* se encontra no segundo par, o qual retrata o período das décadas de 60 e 70 do Brasil do século XIX, justamente quando o Estado brasileiro começa a se consolidar a partir da repressão sobre os vários movimentos separatistas, ao mesmo tempo em que vai se tornando cada vez mais patente a crise no modelo econômico escravocrata, levando a conflitos entre a tradição oligárquica latifundiária em decadência e a ascensão da nova classe burguesa e urbana de comerciantes, colocando a questão do trabalho escravo e do negro no centro dos enfrentamentos políticos e ideológicos no Brasil e do Brasil com as potências européias.

Ainda fazendo uso desse mesmo modelo de Gledson, *Dom Casmurro* é o segundo romance do par, o que o pesquisador classifica como organizado a partir de uma narrativa que parte do personagem central (Bento) e não de um narrador onisciente e distante. Assim, os personagens e as tramas são apresentados por uma perspectiva mais pessoal e intimista, e não a partir da explicitação dos amplos fatos a contextualizarem o desenrolar da trama. Rabello (*Apud*. CHIAPPINI & AGUIAR, 1993) ao resumir o pensamento de Gledson, assim coloca a questão dos fatos históricos nessa obra de Machado.

> Machado quis incorporar a história do Brasil do século XIX em seus romances, quis que ela fizesse parte integrante de sua estruturação...(a crise central de 1870, a Guerra do Paraguai, a Lei do Ventre Livre, a fundação do Partido Republicano). Para Gledson, a questão é saber

por que essas referências não permaneceram explícitas em Dom Casmurro (p.196).

A não explicitação desses fatos no romance em questão se deve exatamente à opção estética da narrativa empregada. Ao narrar os acontecimentos a partir da perspectiva intimista do olhar de Bentinho, os fatos históricos deixam de ser tomados como os macro-referenciais que o Estado elegeu como únicos capazes de definir a construção na nação e passam a ser narrados a partir de como os sujeitos humanos, em suas diversidades nunca totalmente alcançáveis, refletiam, recriavam e se adaptavam cotidianamente a esses fatos amplos.

É o "sentimento íntimo" que o autor identificava como inerente ao sentido de nacional. Sentimento este não possível de ser conceituado ou aplicado de forma racional em si, mas passível de viabilizar identificações e semelhanças entre as experiências e fatos narrados com os vivenciados pelos mais diversos leitores.

A ideia de "sentimento íntimo" permitiu a Machado de Assis apresentar aspectos da construção dessa identidade brasileira pelos elementos mais rotineiros e trágicos do cotidiano dos personagens frente ao contexto espacial que envolvia as mudanças e crises que o Estado tentava administrar.

Esses fatos amplos, essas diretrizes da política estatal, essas atitudes e projetos de grande magnitude se apresentam no romance de maneira implícita, mas repercutem nas relações pessoais e familiares das personagens, apontando para fatores outros que não foram observados pelas pesquisas científicas nem pelos analistas políticos e administradores, contudo, vários leitores intimamente sentiram e identificavam como pertinentes e comuns as suas vidas ou às existências cotidianas próximas.

Esse "sentimento íntimo" entre a percepção do autor, apresentada na narrativa da obra, em contato com o mesmo sentimento dos vários e diferentes leitores, estabelecia um jogo de escalas - entre a trama da obra, a visão das mesmas e das personagens pelo narrador/Bentinho, com o contexto político e social vivenciado no país na época pelo autor e pelos leitores, assim como os aspectos rotineiros e muitas vezes banais que envolviam a cada indivíduo frente à tentativa de sobreviver no Brasil de então - que fundamenta o sentido geográfico mais profundo capaz de melhor iluminar o processo de edificação de uma nacionalidade brasileira em meio à diversidade de posturas, valores e ideias.

Através do "sentimento íntimo" é que o sentido de nacionalidade se movimenta, para além de definições racionais e formais, através de processos contraditórios e conflituosos que envolvem os indivíduos em seus vários grupos e classes sociais, fazendo que, independente da situação que se encontram no contexto econômico e político, se identifiquem como participantes das mesmas relações, que não precisam ser harmoniosas, e que de forma marginal e dramática vão construindo seus referenciais de localização, de orientação e de sobrvivência em meio a fragmentação territorial e as mudanças de referenciais tempo-espaciais.

É isso que identificamos em *Dom Casmurro* como elemento possibilitador entre as experiências narradas por Bentinho e o que estava acontecendo com a vida privada dos indivíduos na época. Não se foca no romance os grandes acontecimentos históricos do período, mas eles estão presentes a partir das repercussões dos mesmos na rotina e nas transformações que afetavam o cotidiano familiar das personagens centrais. Por um lado, aponta para a crise da tradicional família patriarcal, rural e ampla, e paralelamente indica o despreparo moral e psicológico para a vida na espacialidade urbana a partir de famílias pequenas e desagregadas. Roncari (*Apud*. CHIAPPINI & AGUIAR, 1993) assim debate esta questão.

> Ao invés de procurar a relação de Dom Casmurro com os grandes fatos históricos... seria o caso de se ver como o que suporta Dom Casmurro é uma história mais subjacente: a mudança da feição da família, de uma família patriarcal, que já está arruinada (em Dom Casmurro há um família patriarcal arruinada, só há ruínas e simulacros: o retrato dos pais na parede, escravos que não sustentam mais a família, agregados volúveis...), para uma família doméstica...Essa família fechada, restrita ao casal, porém, desmorona (p. 211).

Através da narrativa de Bentinho, Machado vai apresentando os aspectos mais rotineiros e intimistas das profundas transformações que estava passando a sociedade brasileira na época. Enquanto os grandes fatos históricos estavam sendo definidos pela lógica em prol da

consolidação do Estado brasileiro, a reverberação desses se dava em processos cotidianos dramáticos de busca de orientação e sobrevivência dos indivíduos em seus vários grupos sociais.

Bentinho narra de forma inconsciente seu processo de localização nesse mundo. Filho de uma família patriarcal arruinada pelas crises econômicas e conflitos sociais, sobrevive como uma fantasmagoria de um mundo em plena extinção. Escravos e agregados que não possuem mais a mesma função idealizada para o mundo rural. Mulheres que passam lentamente a ter mais autonomia. Filhos cuja relação não se pauta mais nas tradicionais formas e funções. Os valores pequeno-burgueses que tem agora de reproduzir se fundamentam numa frivolidade e aparências voláteis de um espaço concentrado, caótico e de disputa constante por projeção e prazer.

Bentinho passa a ser o arquétipo do homem nesse mundo urbano e cosmopolita da periferia do sistema econômico. Ele apresenta o sentido de falta de referenciais espaciais e históricos para que essas novas relações possam se expressar como algo genuinamente necessário e autenticamente humano.

A forma como foi solucionando seus dilemas acabaram por levá-lo a uma situação de solidão e total estranhamento dele mesmo para com a sua existência. Possuía bens materiais, emprego, família, respeito social. Mas os aspectos éticos e morais com que qualificava a estes elementos se fundamentavam numa fragilidade de valores humanos que o colocaram perdido em meio aos objetos e fenômenos que o rodeavam.

São esses elementos indicados por Machado que permitem estabelecer o sentido de identidade entre os diversos sujeitos que participaram desse processo, assim, apontando para aspectos mais "íntimos" de construção do sentimento de nacionalidade. É isso que torna sua obra universal, para além do tempo e do espaço em que foi elaborada. Por isso ela é tão atual e pertinente para as discussões que estamos colocando.

O que podemos inferir desse seu romance quanto ao sentido de identidade nacional a partir de aspectos mais singulares e pessoais torna-se viável para nossas análises sobre esta questão atualmente, principalmente pelo fato de as relações econômicas, em escala mundial, apontar para uma perda da onipresença discursiva do sentido de identidade articulado pelo Estado-Nação e se pautar nos aspectos mais flexíveis e fragmentários da territorialidade a partir do lugar em que os indivíduos estabelecem suas relações sociais.

Complementar a esta questão, encontramos também, a partir de *Dom Casmurro*, os elementos sementais que hoje se desabrocharam em meio à espacialidade urbana e cosmopolita da periferia do sistema econômico quanto à perda de referenciais de pertencimento, a solidão e o estranhamento dos indivíduos para com o sentido de suas próprias existências e relações sociais. A volatização de todos os processos societários, assim como a mercadorização dos sentimentos e superficialidade dos contatos humanos, delineiam um "sentimento íntimo" comum a boa parte da população atual quanto ao fato de pertencer a algum ponto do território.

Machado, em plena passagem do século XIX para o XX, cobra um olhar geográfico para os problemas de identidade territorial que se tornaram usuais atualmente em boa parte das nações, notadamente o Brasil. Em outro comentário, analisando a obra de Machado de Assis, Engler (*Apud.* CHIAPPINI & AGUIAR, 1993) assim sistematiza essa necessidade atual de leitura científica do famoso romance.

> Nós também nos encontramos agora numa transição que às vezes, como anedota, definimos assim: o caráter de nossa época...Por isso, talvez, Machado de Assis nos interesse tanto...Os problemas que enfrentamos, nós os encontramos descritos de maneira genial na obra machadiana (p.214).

Desta forma, pela literatura machadiana vamos construindo a possibilidade de se fazer uma leitura das condições da produção e vivência da espacialidade do mundo atual a partir do lugar onde nos encontramos. Podemos, a partir dessa constatação, não necessariamente resolver as dificuldades e impasses, mesmo porque esse não é o objetivo, mas tão somente pontuar formas mais desafiantes e necessárias de se abordar a questão de como podemos melhor nos localizar e orientar a partir do sentido de identidade que estabelecemos com o nosso território.

O Dom Nacional

Daqui começamos a desenrolar o que a literatura machadiana tem a nos ofertar de sentidos identitários para se pensar a questão do Estado-Nação. Machado escreve em seu *Dom Casmurro* que talvez "esse discreto silêncio sobre os textos roídos, fosse assim um modo de roer o roído" (1982, p.36).

Roer o roído, atitude que os vermes buscam a todo o momento, pois o ato de roer, para eles, é um instrumento de vida, e para nós (cientistas/pesquisadores), também, a arte de roer os livros e a realidade é dada num contínuo processo de roer o roído para conseguirmos dotar de significados uma realidade heterogênea e complexa. Mais precisamente entre um Brasil do fim do período oitocentista e um Brasil que produzimos atualmente.

No correr da narrativa, percebemos que indiretamente/diretamente Machado de Assis nos coloca frente ao que é comum ao mundo cosmopolita, ou seja, procura fazer alusões a um fato ou ato de um dos personagens em relação ao que era próprio ao que vinha de fora. Por exemplo, no capítulo XXXI (1982, p. 60), Machado de Assis pontua a questão da curiosidade de Capitu, em que a menina não queria saber apenas das notícias ou dos fatos ocorridos nas ruas, queria as notícias oriundas das tribunas, da capela, dos salões de bailes e do teatro.

Podemos inferir desta passagem uma crítica sutil (cínica?) do autor em relação aos valores hegemônicos da sociedade, notadamente a carioca da época, que estava se portando e buscando como referenciais de identificação, de uma suposta modernidade civilizatória, elementos exógenos ao Brasil, ou seja, Capitu expressa a visão de uma camada social que supervalorizava os elementos não pertencentes aos espaços que a população marginal e empobrecida efetivamente frequentava e construía[2], pois os teatros, os salões, as tribunas, as capelas eram locais frequentados pela elite do período, ou por aqueles que ansiavam imitá-la, e os padrões estéticos e comportamentais que seguiam eram os padrões europeus, considerados superiores em seus parâmetros civilizatórios.

Nesse aspecto, a tão cobrada "cor local", pelo menos para boa parte das classes urbanas mais privilegiadas na época, era tingida com os olhos e as tintas da Europa. Isso provocava um estranhamento ainda maior dessas camadas sociais para com o conjunto da nação brasileira. Esse estranhamento acaba se territorializando em relações de mútuos não reconhecimentos. Ao desconhecer quem são os "outros", inviabiliza-se que os "nós" consigam se auto-reconhecerem. A solução tomada amplia ainda mais a distância entre os mesmos, ou seja, opta-se por alguma identidade a partir da cópia do modelo externo, o que produz, no máximo, uma tragicomédia burlesca.

Essas distâncias entre próximos se refletiam na intimidade do lar e no total despreparo dos novos casais, por exemplo, para com o sentido dos valores familiares, ascendendo daí as desconfianças mútuas e as tragédias particulares, como Machado de Assis brilhantemente apresenta na história de Bentinho e Capitu.

Num contínuo processo de negação dos elementos e aspectos da realidade brasileira enquanto sombras, marginais, despossuídos e esquecidos, ou seja, a diversidade de elementos outros que constituíam o território, foi-se criando padrões de referências para se pensar a identidade territorial. Uma camada de privilegiados acabava por constituir símbolos nacionais, símbolos estes estranhos a uma maioria de indivíduos que experimentavam e significavam o nosso território com outras experiências cotidianas.

A questão da identidade nacional, no fim do século XIX, é constituída enquanto farsa; construção de falsos discursos que não se enquadravam dentro da realidade[3]. Como analogia da construção dos discursos através da mentira podemos nos referir, no romance machadiano, ao personagem do agregado José Dias.

---

[2] Sabemos que dificilmente encontraremos algo que seja próprio a um país, pois os elementos se encontram dispersamente entrelaçados, no entanto, procuramos identificar elementos que sejam criados e experimentados por camadas sociais que, apesar de trabalharem para os de maior poder aquisitivo, elaboravam e qualificavam determinadas espacialidades que os favorecidos socialmente ignoravam ou mistificavam em seus preconceitos e imaginário.

[3] Que até hoje não se enquadram, mas isso é uma discussão que preferimos deixar para as palavras finais.

Quando este aparece na residência de Bentinho - recém-nascido -, passando-se por médico homeopata, os seus serviços foram direcionados a dois escravos que estavam doentes, os quais ele consegue "curar". Em gratidão, o pai do narrador convida José Dias a morar com eles, e depois de um tempo este se vê obrigado a dizer toda a verdade:

> José Dias deixou-se estar calado, suspirou e acabou confessando que não era médico. Tomara este título para ajudar a propaganda da nova escola, e não o fez sem estudar muito e muito; mas a consciência não lhe permitia aceitar mais doentes (Machado de Assis, 1982, p. 12).

Uma construção fantasmagórica, um mentir, um se esconder, negar as suas próprias características para se apresentar a outrem. O desejo de ser moderno/avançado fazia com que pensar o Brasil ficasse restrito aos anseios de uma pequena camada social de se "tornarem" europeus ou adquirir posturas que o igualassem como tal a partir da imitação, o que refletia no conjunto da arquitetura social, fazendo com que os menos favorecidos reproduzissem essa imitação farsesca, caindo no gutural, no clientelismo e, ao mesmo tempo, delineando a forte criatividade e capacidade de adaptação das camadas marginalizadas em nome da sobrevivência pessoal.

José Dias mente e passa a reproduzir a prática social de imitar algo que não é. Quando a situação torna-se crítica, opta em falar a verdade, mas revestida de todo um ritual de valor moral e compromisso com a verdade. A farsa se institucionaliza como verdade e passa a ser incorporada como natural no seio familiar. José Dias fica como agregado, não tem serventia em relação aos motivos que levaram sua inclusão na família, apenas justifica sua falta de perspectivas e uma suposta ideia de gesto nobre para com os injustiçados.

Quando Bentinho foi ao passeio público com o José Dias pedir para que ele o ajudasse a se livrar do seminário, José Dias ficou receoso em ajudá-lo, no entanto, o entusiasmo aparece ao se mencionar a vontade de estudar as leis. Não foi somente o prazer de ver Bentinho estudando direito que o comoveu, ele viu aí a possibilidade de sair e viajar para o estrangeiro:

> Melhor é ir logo para alguma universidade, e ao mesmo tempo que estuda, viaja. Podemos ir juntos; veremos as terras estrangeiras, ouviremos inglês, francês, italiano, espanhol, russo e até sueco. Dona Glória provavelmente não poderá acompanhá-lo; ainda que possa e vá, não quererá guiar os negócios, papéis, matrículas, e cuidar de hospedarias, e andar com você de um lado para o outro... Oh! As leis são belíssimas! (1982, p. 53 e 54).

Nitidamente encontramos o interesse da viagem juntamente com a valorização ao que era próprio ao de fora. Desejava ir para a Europa, passear, rever os locais que dizia já ter ido, locais que considerava superiores aos de suas vivências aqui no Brasil: "Contava muita vez uma viagem que fizera à Europa, e confessava que a não sermos nós, já teria voltado para lá; tinha amigos em Lisboa, mas a nossa família, dizia ele, abaixo de Deus era tudo" (1982, p, 13).

Nessa passagem, Machado demonstra ser um agudo observador das relações humanas. Numa sociedade tão desigual e sem oportunidades como a brasileira, as classes menos privilegiadas desenvolviam estratégias de sobrevivência que mesclavam a subserviência, a troca de favores, a adulação e o ardil, assim como a traição, para conseguir sobreviver ou atingir seus objetivos, que geralmente eram algum ganho financeiro imediato.

Machado, através de José Dias, expressa como os sujeitos e indivíduos não favorecidos socialmente desenvolviam formas de sobrevivência. O personagem em questão faz uso das dúvidas e temeridades de Bentinho para viabilizar seus desejos pessoais. É claro que, de forma implícita, aponta-se a crítica de como essa cultura de sobrevivência inviabiliza qualquer possibilidade de solidariedade duradoura entre indivíduos e classes sociais. Todo e qualquer acordo tem a resistência dos benefícios que cada uma das partes pode barganhar com outros interessados.

A conclusão que se tira é da não possibilidade de se construir um projeto de unidade nacional a partir dessa perspectiva de solidariedade entre os diferentes no Brasil. Essa, contudo, é apenas a forma que os menos favorecidos encontraram de sobreviver em meio às poucas oportunidades sociais e, ao assim fazerem, acabavam por reproduzir a própria doença que impedia de a maioria social construir uma nação mais justa e que melhor se reconhecesse

enquanto um conjunto nacional.

Ao sair do passeio público, "[...] um mendigo estendeu-nos a mão. José Dias passou adiante [...]" (1982, p. 54). A banalidade da cena, tão comum a todos nós, é que a torna grande de significados. A ironia da situação entre o drama pessoal de Bentinho na arquitetura do plano segundo os interesses pessoais do agregado se vulgariza perante o quadro social de fundo em que a cena se desenvolve. A realidade brasileira coloca no mesmo lugar o abastado, o dependente e o marginal. Todos não se reconhecem por que se ignoram mutuamente perante o contexto espacial que os explica. Cada um com seus dilemas e formas próprias de sobrevivência.

O ato de passar adiante simboliza esse desconhecimento, essa fuga para não ver o que é obvio e trágico. A busca pela sobrevivência a partir de uma prática política e econômica pautada na exclusão e marginalização de boa parte da população veda a possibilidade de se edificar o sentido mais autêntico de nacionalidade, pois simplesmente passa-se o mais rápido possível para não se colocar frente a frente com as mazelas desse projeto social.

A lógica dessa espacialidade construída a partir da exploração, injustiça e desigualdade social fica assim ofuscada para os que participam da própria construção da mesma. Ao não enxergarem esses estranhamentos e desigualdades, ou fugirem desse fato, a possibilidade de se melhor localizar e se orientar no território se empobrece e aponta para formas alienadas e meramente imediatas de construção de sentidos espaciais de existência. É o que ocorre com os personagens centrais da trama em *Dom Casmurro*, tanto que todos acabam tendo um fim trágico, solitário e funesto. Não sabiam quem eram e de como agir no mundo, o tempo acabou vindo e apresentando essa total desorientação espacial como resultado dessa postura de vida.

Negamos aquilo que classificamos enquanto diferente dos modelos hegemônicos, além disso, a busca do negar e se constituir a partir da eleição de elementos exógenos demonstravam o grande medo que aterrorizava a mente de uma pequena parcela das classes sociais mais favorecidas.

Esse processo de tentar se identificar negando sua diversidade interna, ou não querendo enxergar a mesma, e olhando para o estrangeiro como forma de se buscar um modelo exógeno de referência será problematizado por Machado com a chegada de Ezequiel, que a princípio será o grande amigo de Bentinho, que o auxiliará a encontrar seu caminho de cidadão moderno, estudado, de profissional liberal e respeitado socialmente, ou seja, atendendo todos os valores padronizados pelos referenciais modernizantes europeus que tentavam se implementar nas terras brasileiras de então.

Ezequiel de Sousa Escobar será apresentado pelo narrador Bentinho como um típico estrangeiro, filho de pais europeus – "Era um rapaz esbelto, olhos claros, um pouco fugitivos, como as mãos, como o pés, como a fala, como tudo" (Machado de Assis, 1982, p, 109). Fugitivo porque era estranho a uma imensa população que aqui vivia, no entanto, era um estereotipo que chama atenção, nos prende, nos seduz, deixa os nossos olhos com uma intensa neblina que faz com a visão fique restrita à construção das imagens idealizadas. Uma imagem mental que tem como referência os padrões estéticos, políticos, econômicos, culturais, ideológicos de sociedades colonizadoras e, por comparação, ditas superiores.

Com o desenrolar da narrativa, vai se percebendo que esse modelo de moderna civilidade a que Bentinho e Capitu tentam seguir transforma-se numa verdadeira tragédia para os padrões culturais, éticos e comportamentais do jovem casal.

A tradição patriarcal da família oligárquica rural, em plena decadência no ambiente urbano que cobrava de Bentinho uma rápida adequação aos novos padrões espaciais e comportamentais, o que o colocava ao mesmo em situação de total desorientação em relação a quem era realmente e como se localizar de fato naquele mundo.

O mesmo sentido de estranhamento em relação ao seu ser no mundo ocorreu com Capitu. Como sua ascendência social não era de uma família abastada, para sobreviver e se inserir nas condições civilizatórias impostas, Capitu teve que imitar esses valores e comportamentos estrangeiros, mas, como apontamos, acabava apenas encenando uma peça burlesca e descontextualizada territorialmente.

Contudo, a tragédia se desenrola mesmo quando o referencial civilizatório deixe de estar presente e o casal, notadamente Bentinho, tem que caminhar com seus próprios pés. Enquan-

to estava vivo, Escobar, como um legítimo estrangeiro civilizado, pode até ter abusado da cordialidade dos semi-bárbaros brasileiros, mas quando deixou de estar presente, Bentinho passou a desconfiar da veracidade de suas relações familiares. Capitu o tinha traído? Seu filho era na verdade de Escobar? Eram as dúvidas que mais o atormentavam.

De forma análoga podemos inferir a partir da escala do drama pessoal de Bentinho o sentido mais amplo que passou a envolver o Estado e a Nação brasileira quando deixou de ser tutelado diretamente por Portugal. Todos os conflitos, desigualdades e injustiças que se buscavam ignorar ou esconder para atender aos interesses administrativos da metrópole, passaram a atormentar a dura tarefa de se auto-reconhecer quando o Estado Brasileiro conseguiu sua real autonomia e tinha que se construir enquanto nação.

As dúvidas de Bentinho eram, quanto ao presente, ser a relação com Capitu uma mentira, e quanto ao futuro, já que seu filho era de um outro e não dele, portanto, que futuro ele teria enquanto ser humano já que este estava fundamentado em um ser estranho a ele? Tudo era mentira e traição.

Quando Bento teve que encarar a construção de sua espacialidade existencial sem a presença do modelo estrangeiro, percebeu que toda sua história estava pautada numa dependência do outro. A falta de estrutura para equacionar sua ignorância e desorientação em relação a se auto-reconhecer, levou-o a buscar no seu espaço mais íntimo as justificativas de sua incapacidade.

Quando olhou para si, viu que não tinha condições, perante o modelo de vida e valores até então imitado, de dar sequência ao mesmo a partir do que era de fato em seu ser mais profundo. Ao invés de buscar construir-se enquanto unidade humana optou em criar toda uma série de ações e justificativas para camuflar suas dubiedades e falhas, pondo a culpa no estrangeiro e nos mais fracos de sua relação. Insistiu com o modelo estrangeiro, mas como recalque para justificar não conseguir a expressão plena do mesmo, passou a viver culpando aos outros a impossibilidade de não se realizar.

Passou a encarar Capitu não em seu conjunto humano, mas apenas como uma simplificação das práticas oriundas das classes menos favorecidas, ou seja, pela imitação farsesca, por posturas ardilosas e subservientes, ela atingia seus objetivos, tudo graças a mentiras e traições. Portanto, ela o traíra.

Escobar, que servia de modelo de ser humano civilizado, na verdade abusou de sua boa intenção, de sua boa índole, de sua amizade, para explorar e arrancar sua riqueza mais preciosa. Ele o enganara e o deixará assim, sem condições de viver consigo mesmo.

O filho, portanto, por ser fruto dessa traição, passou a ser um estranho, no qual não via perspectiva de se construir nada de mais estável e seguro, pois era fruto dos interesses e mentiras de um estrangeiro. Era fruto de um estranho que roubara sua autenticidade.

Diante disso, Bento se refugia ainda mais em suas justificativas e não busca construir valores próprios a partir de seus próprios dilemas e fundamentos. Passa a sobreviver em cima de um monte de mentiras e loucuras que negam a veracidade de seu ser. Um espaço alienado desemboca num futuro sem perspectiva e ambos instauram a completa falta de identidade do ser para consigo mesmo. O ser se perde e passa a viver uma fantasmagoria enquanto vida.

As respostas e opções tomadas por Bento são analogamente às que o Estado brasileiro tomou quando teve que gerenciar sua própria territorialidade. Ao invés de se abrir para as novas condições espaciais e construir os referenciais de nação a partir dos aspectos diversos que até então se encontravam reprimidos em seu interior, não, optou por se fechar em nome de seus valores tradicionais, que se apresentavam em plena crise de perspectivas econômicas e políticas, e instaurar um discurso oficial que negava a diversidade e os graves conflitos e diferenças sociais, em prol de supostas ordem e verdade que não se sustentavam por si.

Adotou um modelo estrangeiro de civilização, mas a custa de abafar suas contradições internas e formalizar um discurso de justificativas por nunca alcançar esse ideal imitado de civilidade. O estrangeiro passou a ser o referencial a ser seguido e, ao mesmo tempo, o que justificava seu atraso e não realização plena enquanto nação moderna. Este traiu e explorou suas riquezas.

Paralelo ao estrangeirismo, o Estado-Nação também não reconhecia seus filhos, pelo menos a grande maioria. Eram estranhos para ele. Tentava escondê-los, reprimi-los, eliminá-

los, pois era um incômodo vê-los nas ruas e sertões. Analfabetos, doentes, negros, índios, miseráveis. O Brasil oficial não gostava e não queria que ninguém soubesse que não gostava de seus filhos bastardos.

Também como Bentinho, o Estado brasileiro culpava as camadas sociais menos favorecidas pelos seus atos indolentes, preguiçosos, ardilosos, interesseiros e vulgares que prejudicavam o progresso da nação. Quando estas camadas almejavam qualquer independência e autonomia, eram duramente reprimidas e passavam a ser culpadas pela desordem social. Quando não eram mortas, eram extraditadas e isoladas no estrangeiro até morrerem, tal qual aconteceu com Capitu.

Bento perdeu o sentido mais genuíno de humanidade e passou a apenas sobreviver enquanto uma fantasmagoria dele mesmo. Autoritariamente reprimiu os aspectos marginais de sua história – Capitu e a suposta traição, o filho e a possível mentira – o que levou a viver um espaço de loucura travestida de normalidade, uma farsa apresentada como verdade. Exatamente o mesmo ocorreu com o Estado brasileiro em relação à construção de uma identidade nacional. O Estado reprimiu e negou os elementos marginais de sua história, o que produziu uma espacialidade de mútuos estranhamentos, em que os diversos sujeitos e grupos sociais não se reconhecem como participantes de uma mesma territorialidade.

Esse espaço de múltiplos que não se referenciam, essa tragédia social cotidiana é que identificamos enquanto visão do Brasil que Machado delineou a partir da narrativa apresentada por Bento no *Dom Casmurro*. Ou seja, Um Estado construído a partir da repressão à diversidade social, da negação de suas injustiças históricas e do vedar os olhos para a marginalidade.

Ao assim apresentar o sentido do Estado, Machado deixa em aberto o caminho para a construção dessa identidade a partir da persistência dos fantasmas, dos marginais, daqueles a que se tenta ignorar pelo discurso oficial. Eis o "sentimento íntimo" que ele fala como capacitador do artista manifestar o sentido ou sentimento nacional.

Os fantasmas de Bentinho continuam a se manifestar em cada tragédia pessoal cotidiana ao longo da vasta extensão física da territorialidade brasileira. Hoje, para nós, fruto dessa história de farsas e desenganos, não interessa saber a verdade definitiva se Capitu traiu ou não, ou se o filho é de Bentinho ou não, apenas pela perspectiva dos que detém o poder e o controle do Estado e dos recursos econômicos. Temos de assumir que tragédias, erros e enganos foram cometidos e que não é esquecendo ou fingindo que não ocorreram ou inventando justificativas hipócritas que se conseguirá construir um sentido de nação, no mínimo mais justa para todos os que secularmente estiveram a margem, olvidados e dependentes.

Capitu tem que falar; o filho tem que falar, pois Bentinho falou demais e ouviu muito pouco.

Roer o Roído: o recomeço

No nosso trabalho, fazendo uso dos recursos técnicos e metodológicos da estética da recepção e da hermenêutica filosófica, conseguimos estabelecer caminhos interpretativos entre as formas convencionais e muitas vezes ilusórias com que o discurso científico estabeleceu para a construção de uma identidade brasileira, em grande parte artificial e distante das concretas territorialidades estabelecidas pela maioria da população, e aquilo que Machado de Assis, no caso em *Dom Casmurro*, aponta a partir dos que os personagens centrais pensam, dizem e agem, assim como por aquilo que fica oculto e não dito, mas passível de leitura e interpretação de sentido, como é o caso do conflito intimo vivido por Bentinho e o desconhecimento deste para com os demais valores e problemas que afetava o conjunto da complexa sociedade brasileira de então, que repercutia nas condições com que valorizava sua existência íntima e suas relações pessoais e familiares.

A resolução do conflito pessoal no livro exemplifica o grau de ignorância que nossos ilustrados possuem do próprio conjunto do território brasileiro, ou seja, é sempre uma dúvida camuflada, é fugir para o estrangeiro, é negar seu próprio desconhecimento e fazer uso da força e da mentira para não enfrentar os erros e abusos do poder – tentar fugir da dúvida construindo falsas verdades.

Tal fato reverbera hoje para o conjunto da sociedade brasileira, notadamente na relação entre as elites e classes médias urbanas, caracterizadas em seu consumismo e voltadas para valores frívolos e meramente atendendo padrões internacionais de comportamento, perante o enorme contingente de marginalizados e explorados, grandemente ignorados em seus referenciais e processos de construção de identidades territoriais no interior da nação brasileira.

Afirmar que existe uma essência brasileira como mote de uma identidade única e harmoniosa de nação é repetir os desenganos, mentiras e dúvidas que envolveram, por analogia, a vida pessoal de Bentinho e Capitu. Brasil é esta diversidade sócio-cultural, é essa relação entre o local e o universal, entre o que julgamos conhecer e o que ignoramos desconhecer, entre palavras e silêncios. É isso que podemos concluir por ora quanto ao sentido de Estado-Nação Brasil a partir do *Dom Casmurro* de Machado de Assis, ou seja, sua geografia se encontra entre as lacunas do vivido, pensado, lido, escrito, dito e não dito.

REFERÊNCIAS

AMORA, Antônio Soares. **História da Literatura Brasileira**. 4ª ed. São Paulo: Saraiva, 1963.

BAPTISTA, Abel B. **A formação do nome:** duas interrogações sobre Machado de Assis. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2003.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura (obras escolhidas); Tradução de Sergio Paulo Rouanet e prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BITTENCOURT, Gilda N., MASINA, Lea S., SCHMIDT, Rita T. (orgas.). **Geografias literárias e culturais:** espaços/temporalidades. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2004.

BOSSÉ, Mathias Le. As questões de identidade em geografia cultural: algumas concepções contemporâneas. In: **Paisagens, textos e identidade**. Org. Roberto Lobato Corrêia, e Zany Rosendahl. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004.

BRANDÃO, Luis A. **Grafias de identidade** – literatura contemporânea e imaginário nacional. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Lamparina editora/Fale (UFMG), 2005.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil**: mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo. Fundação Perseu Abramo, 2001.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia**: o discurso competente e outras falas. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

CHIAPPINI, Ligia & AGUIAR, Flávio W. (orgs.). **Literatura e história na América Latina.** São Paulo: Editora USP, 1993.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil.** Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1969.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo. USP: fundação para o desenvolvimento da educação, 2001.

FERRAZ, Cláudio Benito O. O ensino de geografia para além da geometrização do espaço: apontamentos entre o redondo e as retas. IN: **Caderno Prudentino de Geografia**, Associação dos Geógrafos Brasileiros. Presidente Prudente, SP: AGB, 2001.nº23.

FERRAZ, Cláudio Benito O. O olhar e a paisagem: caminhos de um poema. IN: **Caderno Prudentino de Geografia**, Associação dos Geógrafos Brasileiros. Presidente Prudente, SP: AGB, 2004. nº26.

FERRAZ, Cláudio Benito Oliveira. **Para pensar a geografia**: além do bacharel e do licenciado. Artigo elabora a partir de palestra proferida na UNIOESTE, campus de Marechal Cândido Rondon, no dia 29/05/2001; na II Expedição Geográfica da UNIOESTE "Caminhos da Geografia para o século XXI".

FERREIRA, Lucia M.A., ORRICO, Evelyn G.D (Orgs.). **Linguagem, identidade e memória social:** novas fronteiras, novas articulações. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FIGUEIREDO, Eurídice (orga.). **Conceitos de literatura e cultura.** Juiz de Fora, MG: Editora UFJF, 2005.

FILHO, Oscar Gama. **Razão do Brasil:** em uma sociopsicanlálise da literatura capixaba. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

GADAMER, Hans-Georg. **O problema da consciência histórica**. Trad. Paulo Cesar Duque Estrada. Rio de Janeiro: Ed. Getúlio Vargas, 1998.

GLEDSON, John. **Machado de Assis:** ficção e história. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GRONDIM, Jean. **Introdução à hermenêutica filosófica**. Trad. Benno Dischinger. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1999.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Corpo e forma.** Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998.

HOBSBAWM, Eric J. **Nações e nacionalismo desde 1780**: programa, mito e realidade. Tradução de Maria Celia Paoli, Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

JAUSS, Hans Robert, [et al]. **A literatura e o leitor**: textos de estética da recepção. Coord. e trad. De Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LADOUCER, Micheline. Identidade nacional: imagem do Brasil e os discursos da geografia. In. **Caderno Prudentino de Geografia**. Presidente Prudente. AGB, 2005. Nº 27.

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura**. São Paulo. 2ª ed. Brasiliense, 1982.

LIMA, Luiz Costa. **A leitura e o leitor.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **Dom Casmurro.** São Paulo: Novo Horizonte, 1982.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **Obras completas em III volumes.** Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2006.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **O mapa e a trama:** ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas. Florianópolis. UFSC, 2002.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Ideologias geográficas**. 4ª ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado humano**. Tradução de Antonio Carlos Braga. São Paulo. Editora Escala, 2006.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **A questão nacional na primeira república**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). **Discurso fundador**: a formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas: Pontes, 1993.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PORTELLA, Eduardo. **Literatura e realidade nacional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1971.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Introdução de uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870 – 1930). São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo**: Machado de Assis. São Paulo: Editora 34, 1997.

WOODWARD, Kathyn. Identidade e diferença: uma introdução teórica conceitual. In: **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Trad. e org. Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

Artigo recebido em agosto de 2009.